

## RELHO PRATEADO

Jayme Caetano Braun

No gancho dos meus recuerdos  
Te vejo relho prateado  
Traste gaúcho encapado  
De lonca e de couro cru,  
A papada de zebu  
Que te serve de ponteira,  
Bem como o fiel e a soiteira  
Feitos de couro de lei  
Me lembram que foste rei  
Nos bochinchos da fronteira!

A soiteira, trança de oito,  
Torcida perto do cabo  
Em muito fandango brabo  
Levou riscos de xerenga  
E andou buscando pendenga  
Nos entreveros de bala,  
E até parece que fala  
De tanta prenda querida  
Que bombeou meio escondida  
Por entre as franjas do pala!

Te evoco, relho trançado  
No cruzador das coxilhas  
Amanunciando as virilhas  
Do redomão corcoveando  
Sempre subindo e baixando  
No mais chucro desapego  
Sem perturbar o sossego  
Daquele nobre paisano  
Que foi guasca e soberano  
Sobre um trono de pelego!

Entre os demais apetrechos  
Rédeas, cabresto e buçal  
Maneador, cincha e bocal  
Dependurados num torno,  
Recordas o sangue morno  
Pingando da carne assada,  
E essa cabeça prateada  
Como uma melena branca  
Já andou batendo na anca  
De muita china aporreada!

Nos entreveros da dança  
Na faca dependurado  
Andaste relho prateado  
Como pra um quero, no jeito,  
Sempre olhado com respeito  
Por muito taura manheiro  
Que pagou vale ligeiro  
Depois de ganha a parada  
Para fugir da mirada  
Do teu olhar caborteiro!

Andaste tirando baldas  
No potro arisco de em pêlo  
E acalmando no sinuelo  
Muito turuno maleva,  
E é por isso que tu levas  
De cada lida um sinal,  
Manotaços de bagual  
Entre dentadas de cusco,  
E algum aperto mais brusco  
Inda hoje te assinala  
No rasto de muita bala  
Que te cruzou de chamusco!

São relíquias como tu,  
Relho de cabo prateado  
Que refugando o passado  
E o sinuelo do presente,  
Deixaram na cinza quente  
Esse atavismo tão grande  
Como fogo que se expande  
Desde o confim de outras eras  
Fazendo de cada cuera  
Um pedaço do Rio Grande!

Entre o choro da cordeona  
Sob a tolda das carretas  
Nos bolichos e carpetas  
Na carreirada e na farra  
Estes pialos de cucharra  
Tiros de laço e de bola  
Emparceirado na viola  
Nas noites de serenata  
Viveste relho de prata  
Sempre compadre a pachola!

Por isso quero te ver  
Esse é um pedido que faço  
Enfiado sempre no braço  
Desse rio-grandense altivo  
Em cujo vulto revivo  
O chão lendário do pampa  
Quando se formava a estampa  
Do gaúcho primitivo!